

Desemprego no DF pode dobrar em 97

Demissões de servidores do Governo Federal e do GDF provocam retração da economia e ampliam crise

GILSON LUIZ EUZÉBIO

O desemprego no Distrito Federal, que já atinge 147 mil pessoas, deve aumentar significativamente a partir do próximo ano devido aos programas de demissão voluntária do GDF e do Governo Federal, a serem implantados nos próximos dias. Só na área Federal a ameaça de demissão paira sobre as cabeças de 249 mil servidores e, além disso, o Governo espera a adesão de outros 40 mil ao Programa de Demissão Voluntária (PDV). O Governo do Distrito Federal ainda não definiu quantos pretende demitir.

"Embora ainda não existam projeções que permitam quantificar o avanço do desemprego em 97, considerando-se que temos 165 mil servidores no DF (União e GDF), um corte de 30% poderá dobrar as estatísticas atuais em 97, pois temos que considerar o efeito cascata sobre a economia local e o próprio crescimento da

população economicamente ativa", comenta o presidente do Sindicato do Comércio Varijista do DF (Sindivarejista), Lázaro Marques.

"No Distrito Federal, a situação é mais complicada, porque a economia brasiliense depende fundamentalmente do setor público e não consegue absorver nem mesmo os atuais desempregados, confirma Arlei Machado de Freitas", do Centro de Estudos de Empresas da Universidade Católica de Brasília.

Crise Em consequência do aumento do desemprego, ele prevê para 1997 novas quedas na atividade comercial e de serviços, o que impede esses setores de absorver parte da mão-de-obra desempregada no setor público. Com isso, os preços devem cair e o Distrito Federal caminhará para um quadro de crise semelhante ao da Argentina, com inflação baixa e altos índices de desemprego.

Carlos Henrique Rocha, coordenador do Centro de Estudos de Empresas da Universidade Católica, lembra que a situação do desemprego "é mais grave"

no Distrito Federal do que em outras localidades do País. Enquanto a taxa de desemprego em junho atingiu 13,5% em Curitiba, 13,6% em Belo Horizonte, 14,3% em Porto Alegre e 16,2% em São Paulo, o Distrito Federal chegou aos 18,1%.

O alto índice de desemprego no Distrito Federal, segundo Vander Mendes Lucas, responsável pela revista "Estudos Empresariais" da Universidade Católica, tem duas causas básicas: a migração desordenada, provocada pela distribuição de lotes e o congelamento dos salários dos servidores públicos.

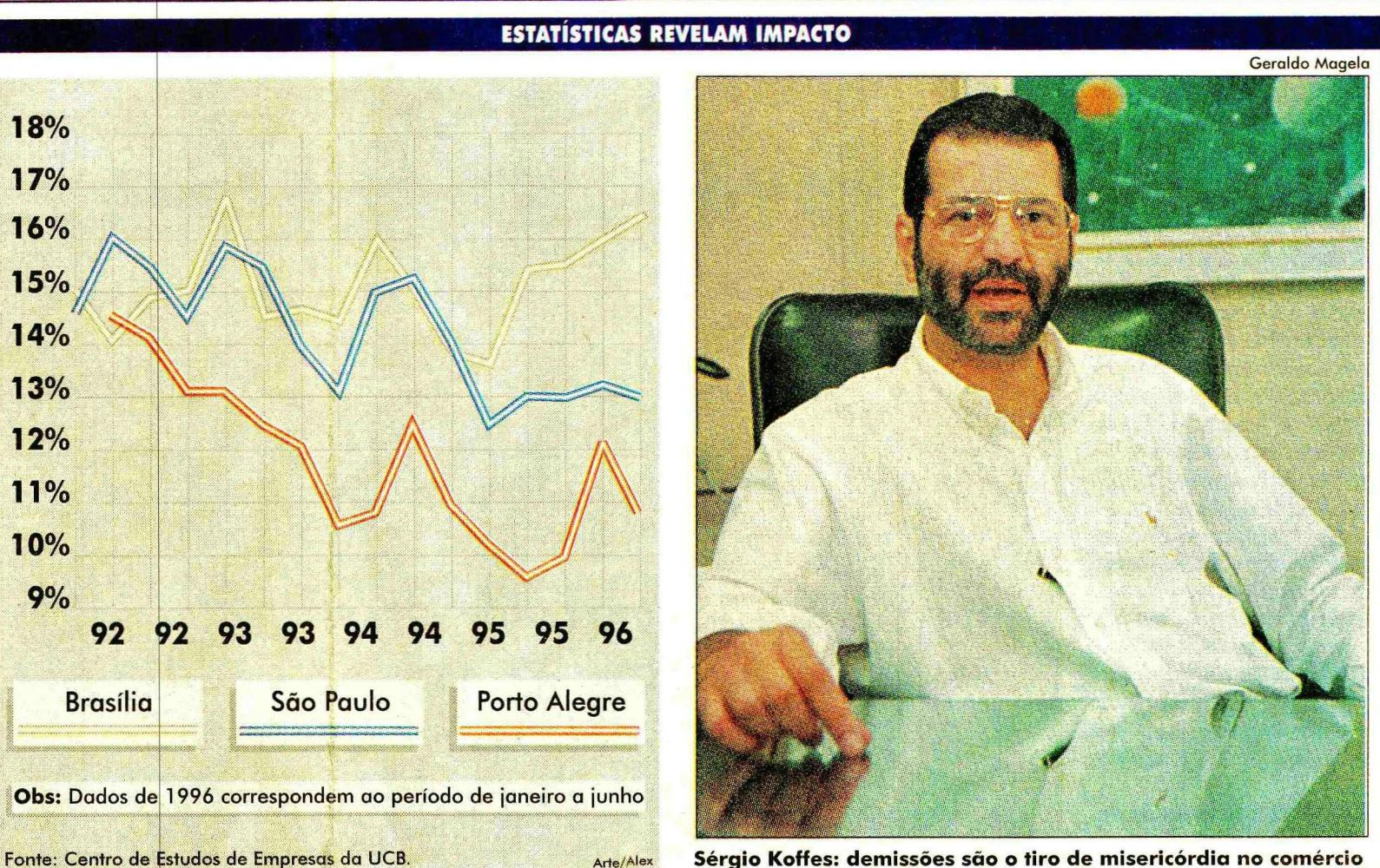
Impacto - A base da economia brasiliense, lembra o professor, é o setor de serviços, voltado para o atendimento do funcionalismo público. Como os servidores perderam renda, a economia local entrou em crise. "As perspectivas para Brasília são piores do que para outras capitais", diz Lucas. Os Estados podem suportar

mais facilmente a demissão e o congelamento dos salários dos servidores, porque são menos dependentes do setor público. São Paulo, por exemplo, tem uma indústria forte que pode absorver os demitidos pelo serviço público.

O congelamento dos salários dos servidores "tem causado enormes avanços na economia brasiliense", afirma Rocha, em artigo que será publicado nesta semana na revista "Estudos Empresariais". Com o desemprego "nas alturas", diz ele, é natural que Brasília registre baixas taxas de inflação. A próxima edição da revista é totalmente dedicada à questão do desemprego.

A economia de Brasília, porém, tem se beneficiado pela sobrevalorização cambial, exatamente o contrário do que acontece nas regiões industrializadas. Como a base da economia local é o comércio, o real valorizado torna as mercadorias importadas mais baratas, possibilitando o surgimento de casas comerciais e empregos. Os locais onde há indústria são penalizados pela valorização cambial que encarece o produto brasileiro.

Informalidade - Os desempregados pelos programas de demissão voluntária,



Sérgio Koffes: demissões são o tiro de misericórdia no comércio

Ex-funcionários do BB na pior

A maioria dos funcionários do Banco do Brasil que aderiu ao programa de demissão voluntária, pensando em utilizar o dinheiro da indenização para montar seu próprio negócio, fracassou e hoje integra as estatísticas de desemprego no País. "Poucos se deram bem", afirma Alencar Ferreira, coordenador da Comissão de Empresas dos Funcionários do Banco do Brasil na Confederação Nacional dos Bancários.

Segundo ele, os ex-funcionários do Banco do Brasil pegaram uma conjuntura econômica desfavorável a novos empreendimentos, devido ao desaquecimento da economia, juros altos e falta de crédito. Apesar de considerar os funcionários do Banco do Brasil bem preparados, a maioria com curso superior, Ferreira afirma que a experiência do PDV demonstrou que o mercado é incapaz de absorver o contingente de desempregados, mesmo que seja em novos empreendimentos.

Informalidade - Os desempregados pelos programas de demissão voluntária,

que fracassam na tentativa de ter seu próprio negócio, vão para o setor informal, afirma Carlos Henrique Rocha, coordenador do Centro de Estudos Empresariais da Universidade Católica de Brasília. O aumento no desemprego e na informalidade será o grande problema do Distrito Federal no próximo ano:

"Brasília não vai absorver essa mão-de-obra nunca", diz Arlei Machado de Freitas, da Universidade Católica de Brasília. A única saída, segundo ele, para amenizar o problema seria incentivar a agricultura na região do Entorno. Com isso, seria possível aproveitar a mão-de-obra desqualificada que migrou para o Distrito Federal nos últimos anos. Para Rocha, é ilusão achar que o setor de serviços poderá absorver a mão-de-obra desempregada pelo setor público e pela indústria. Mesmo nos Estados com economia forte, o setor de serviços não gera emprego em quantidade suficiente para compensar o fechamento de postos de trabalho pela indústria.(G.L.E.)

Vendas caíram 21,03% em um ano

A queda no poder de compra do funcionalismo público e o aumento do desemprego provocaram uma queda de 1,85% nas vendas no comércio do Distrito Federal em setembro em comparação com agosto e de 21,03% em relação a setembro do ano passado, segundo a Federação do Comércio do Distrito Federal. Em consequência, o emprego no comércio de Brasília teve uma queda de 0,42%, com o fechamento de 440 postos de trabalho em setembro.

Segundo o presidente da Federação, Sérgio Koffes, o comércio já reduziu ao mínimo o quadro de pessoal. Novas demissões significam o fechamento do estabelecimento. Segundo a Federação, o comércio de Brasília aumentou em apenas 0,04% os preços no mês de setembro, acumulando uma alta de 5,29% nos últimos 13 meses. No mesmo período, os fornecedores reajustaram seus preços em 13,36%, obrigando os lojistas a "comprimir drasticamente" suas margens de lucro. O arrocho nos salários do funcionalismo, segundo a entidade, está asfixiando o comércio do Distrito Federal.

Marginalidade - A manutenção do congelamento dos salários e a demissão de servidores serão, segundo Koffes, "um tiro de misericórdia" que vai atingir até as expectativas do empresariado para 1997. As tarifas públicas subiram 100% nos últimos 12 meses, segundo ele, enquanto os salários ficaram congelados, o que provoca queda real nos ganhos dos servidores.

O "Boletim de Conjuntura do DF", que será divulgado nesta semana pela Universidade Católica de Brasília, alerta para o risco do crescimento da marginalidade nos centros urbanos por causa do desemprego. Os ganhos de produtividade significam cortes de pessoal e que milhões de jovens brasileiros ficarão sem emprego. "A questão crucial será evitar o crescimento da marginalidade nas grandes cidades", afirma o documento.

Segundo o Boletim, se todos os novos empregos que forem criados nos próximos anos no Rio e São Paulo fossem reservados aos marginais, ainda seria insuficiente para atender a população que está hoje ligada a atividades ilegais.(G.L.E.)